Dias de Ausência para Alícia Kowalski

J. Felipe Brito

A lua, distante, salpicava de centelhas douradas os montes de gramíneas molhadas pela breve chuva que caiu. Ao longe, alguns quilômetros adiante, era possível avistar um brilho mais intenso. Ao aproximar-se, um lago. Às margens, simples e envelhecidas embarcações, redes de pesca esburacadas, debruçadas nos galhos retorcidos da vegetação que adentrava o espelho d'água. O barulho forte do vento que se infiltrava na fresta do vidro semi-aberto era entorpecente, a mantinha flutuante, no fluido espaço entre a vontade de cantar canções de liberdade a plenos pulmões e a necessidade de permanecer num silêncio enriquecedor. Seu olhar focava não só as curvas, demasiado constantes, mas, sobretudo, as expectativas caudalosas que criavam torrentes no seu imaginar. Ela abriu ainda mais o vidro, e o vento, exímio agitador de tudo o que existe, parecia lhe dizer numa voz rouca e provocante: prossiga!

Com os primeiros raios de Sol despertando o arvoredo ao redor da casa, Alícia ergueu-se em ânimo. Aspirava aquele ar distante das avenidas e das gentes como se jamais o tivesse feito sem automação. Era potente, dominava seus gestos, seu corpo! Atrás da porta da cozinha, por onde entrou na noite anterior, despejou sua mochila e toda sua pressa. Repousou sua agitação habitual na límpida água que jorrava da torneira dos fundos, instalada próxima ao roseiral, onde lavou o rosto. Abandonou suas preocupações rotineiras no fogo do café, riscado a fósforo, onde também acendeu um cigarro do único maço que levou consigo. Sentou no degrau de madeira que levava à porta e ali ficou a fumar, despreziosamente, como se esperasse um canto qualquer dos diversos pássaros que por ali ciscavam para adentrar e servir-se à mesa, num desjejum solitário e nem por isso com menor deslumbre.

Ao cair da tarde, sentindo o calor se despedindo com o ocaso, descascava legumes e se divertia com as semelhanças que conseguia perceber entre Bizet e as bandas de rock que admirava. Grieg e Mendelssohn remetiam-na aos desenhos animados de sua infância! Debruçou-se em livros ao anoitecer. Leu uma coletânea de contos de Poe. Quando o sono surgiu, mais cedo que esperava, ajeitou as cobertas, calçou outro par de meias e deixou para o dia seguinte o exame dos filmes e documentários que os amigos emprestaram-lhe.

Saiu para caminhar quando ainda estava escuro. Pôs uma calça de ginástica sob o moletom, um casaco com gorro e luvas. O frio era intenso, o orvalho da noite umedeceu as placas da estrada e os poucos carros que encontrava. Tudo estava quieto. Seu coração também estava, e este confundia-se com o pavor pela temperatura baixíssima e o desejo de sair por aí desavisado. Os poucos moradores do vilarejo que já haviam saído de suas casas para tocar seus afazeres a olhavam com curiosidade, olhares sérios, quase interrogando-lhe. Um povo que labuta desde cedo, que come o que cultiva, que trabalha para si e que tem como compromisso o gosto pelo que faz e o apego à família. Reconheceu o padeiro, que no dia anterior lhe vendera pães suíços recém saídos do forno. O homem acenou com a mão, demonstrando que por ali havia também hospitalidade aos visitantes.

Chegou ao mar. E ali, na estrada de terra marcada entre a vegetação rasteira, observou o furor das ondas e seus sopros e rugidos que amedrontavam. Sentiu-se desprotegida e apertou-se com as mãos inquietas. Quis sentar na areia e assim o fez. Ficou a admirar aquela gigantesca porção de um azul acinzentado. Sentiu-se intimidada, como se o oceano fosse um velho e sábio senhor que a observava e que em tudo lhe sabia. Ficou um tempo perdida nesta metáfora, até mirar uma senhora e um cão, vindo em sua direção, trilhando passos pela areia fofa. Já se via a aurora por trás da enorme rocha que protegia a praia. A senhora e o cão pararam antes de aproximarem-se mais, ela alongava-se e o animal corria para tocar a espuma do mar e retornava à dona, a todo instante. Alícia vislumbrava aquele cenário e não conteve um riso que redirecionou seu pensar, agora em mansidão, tendo toda aquela simplicidade como estranheza e encantamento.

Algumas manhãs depois, já acostumada com a névoa que lhe incomodava as narinas ao

buscar o jornal matinal, Alícia refletia sobre o que deixava para trás naquele período em que se permitia ser outra. Retornaria ao seu vasto mundo de atividades aceleradas e vontades outras. Outros cantos, outros olhares. No entanto, algo tornava-se claro: este tempo, em que se ausentava das coisas de sempre, lhe mostrava que a vida está sempre presente onde nos sentimos livres, no seguir, no descansar e no contemplar. E recuperando a voz após uma tosse seca, deu bom-dia ao homem dos jornais.

*Primeira parte da trilogia "Warszawa"

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/dias-de-ausencia-para-alicia-kowalski>